



A distinta cantora sr.^a D. JUDITH LIMA

Clienté Photo-Elétrica. Paris

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1916

II série — N.º 521

Assinatura para Portugal, *Trimestre 1\$20* cív.,
colónias portuguesas *Semestre 2\$40* ..
e Hespanha: *Ano 4\$80* ..

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES



CARTUCHOS PARA TODAS AS PISTOLAS E REVOLVERES

Uma estatística dos atiradores exímios de revólver e pistola, mostrará que a maioria usam cartuchos REMINGTON-UMC. Sua explosão rápida, regular e certa são demonstradas pelos records do mundo:—

- Campeonato Olympic, ganho por A. P. Lane, marca 499 x 600.
- Campeonato Olympic, com pistola de duelo, ganho por A. P. Lane, marca 287 x 300.
- Campeonato de pistolas e revólveres em geral, ganho por A. P. Lane (Record do mundo) marca 1261 x 1400.
- Campeonato de revólver dos Estados Unidos, ganho por A. P. Lane, marca 467 x 500.
- Campeonato de pistola dos Estados Unidos, ganho pelo Dr. J. R. Calkins, marca 469 x 500.
- Campeonato por juntas de cinco atiradores, ganho pelo Springfield Revolver Association, record do mundo, marca 1154 x 1250.

Acham-se á venda nas principais casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y.,
E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil: LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUJLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portuga: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA.

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Peio estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, Italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 reis.

Remedio francês

XAROPE FAMEL

CURA
INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
Mesmo Chronicas

TOSSSES

ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no deposito geral
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.
Franco de porte compranda 2 frascos.

Ler às quintas-feiras o

"Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo

Perfumaria

Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

MAIZENA

Aqui temos uma cousa que provoca o appetite, mesmo nas epochas de muito calor. Sirva-se estas sobremesas finas e gostosas, feitas com "Maizena"; são leves, facilmente digeridas, sãs e nutritivas.

GELADO

Meio quartillo de leite, duas gemas d'ovos, seis onças de assucar, u na colher de "Maizena." Mexa-se até ficar espesso, e quando estiver frio, deite-se um quartillo de nata batida e duas gemas d'ovos bem batidas. Deite-se assucar e a essencia e ponha-se a gelar.

QUEIJADAS

Uma colher e meia de "Maizena," quatro de assucar, um litro de leite e um ovo e um pouco de sal. Quando o leite estiver quasi a ferver, deite-se a "Maizena," dissolvida em leite frio, e logo em seguida o ovo. Ferva-se uma ou duas vezes, mexendo-se depressa e deite a essencia.

CUTRAS MANEIRAS DE EMPRECAR

Toda a especie de doces, pasteis e biscoitos tornam-se muitissimo suspensos quando, em lugar de farinha, unicamente se emprega de 1/3 a 1/4 parte de "Maizena."



Em caso de escassez de nata, esta falta pode remediar-se por meio da "Maizena," com leite e ovo. Salpique-se com o saletiro, isto evitará que o sal endureça.

National Starch Co.
New York, E. U.

Á venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz.





Catastrofes

A semana passada foi fértil em catastrophes. No Canadá pegou fogo ao palacio do parlamento, em Otawa, e, atravez de outras desgraças menores, ardeu um deputado. Em Marrocos um quartel abateu, feriu recrutas, entulhou um tenente-coronel. Com os grandes temporaes de Hespanha, sem que o telegrafo nos explicasse porquê, um medico que ia n'um trem afogou-se n'um balseiro cheio de vinho branco. E como se não bastassem estes estranhos e incongruentes factos,



o Ganges subiu, inundou a India, afogou dez mil indigenas, a terra tremeu no Turquestão, deitou abaixo uma série de aldeólas. O mundo está, realmente, desconfortavel. Tudo isto que

se passou longe de nós, vem escassamente contado pela Havas, no fundo mais sumido dos jornaes. Coisas remotas que apenas nos dão um vago e descendente encolher de hombros. Com que prazer vejo este belo ceu, este inverno já macio! Nem o amavel Tejo transborda, nem — coisa admiravel de dizer-se! — os deputados ardem. Cultivemos, pois, o nosso jardim!

José Verissimo

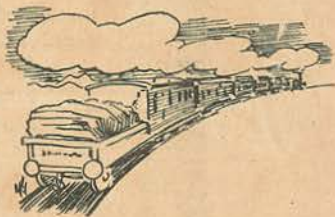
Quasi sexagenario, morreu, agora, no Rio de Janeiro, o escritor brasileiro José Verissimo de Matos. O Brazil perde um ilustre professor, as letras um dos seus mais brilhantes coloristas, a Amazonia o seu mais eternecido cantor. Como nenhum outro, teve esse raro poder de descrição, que faz viver e agitar-se nos seus livros as infindaveis florestas do Norte-Brazileiro; a sua força evocadora era servida pela mais classica e pura das linguagens, recheada de vocabulos proprios e faiscentes que ele inventou, poliu e lançou nessa tão curiosa e tão original conversação brasileira.



Ainda hoje, pegando, ao acaso, n'um dos seus livros, abri as «Cênas da Vida Amazonica», reli essa formosissima novêla que é «O bôto». Toda a verdura, o misterio, a imensa magestade dessas vastas florestas que permanecem imutaveis e eternas entre o Tocantins e o Madeira, saiu de entre as suas paginas magnificas. Com que amor José Verissimo tratou a sua Amazonia! Viveu-a, respirou-a, tornou-se paenteista por ela. Foi um escritor convicto, crente, ingenuo, grande e bom!

Um livro util

Apareceu, agora, um livro que nos ensina a guiar locomotivas. Com este livro, todos nós, atulhados de fisica e de teoria de maquinas, poderemos, com relativa facilidade, perceber um certo numero de coisas de que apenas temos uma nebulosa ideia. Cheios de cursos, de noções teoricas, sabendo desenvolver um binomio ou calcular a resistencia de uma viga de ferro, como são, todavia, raros aqueles que, entregues a si proprios e isolados, poderiam aproveitar-se de tudo quanto o saber humano tem pacientemente acumulado! Lembrome de certo conto fantastico de Anderson onde um homem — um medico — se encontra repentinamente, com toda a sua ciencia e o seu progresso, vivendo nas primeiras edades da terra, com meia duzia de trogloditas. Tem o saber dos seculos e uma caixa de lumes prontos; agonisa de fome, ao lado de um campo de trigo, porque não sabe fazer pão; com toda a ciencia de Pasteur ou de Trousseau, não pôde arrancar um dente a um troglodita menor e a unica noção pratica que soube incutir a esses homens primitivos — foi ensinar-lhes a acender um fosforo!



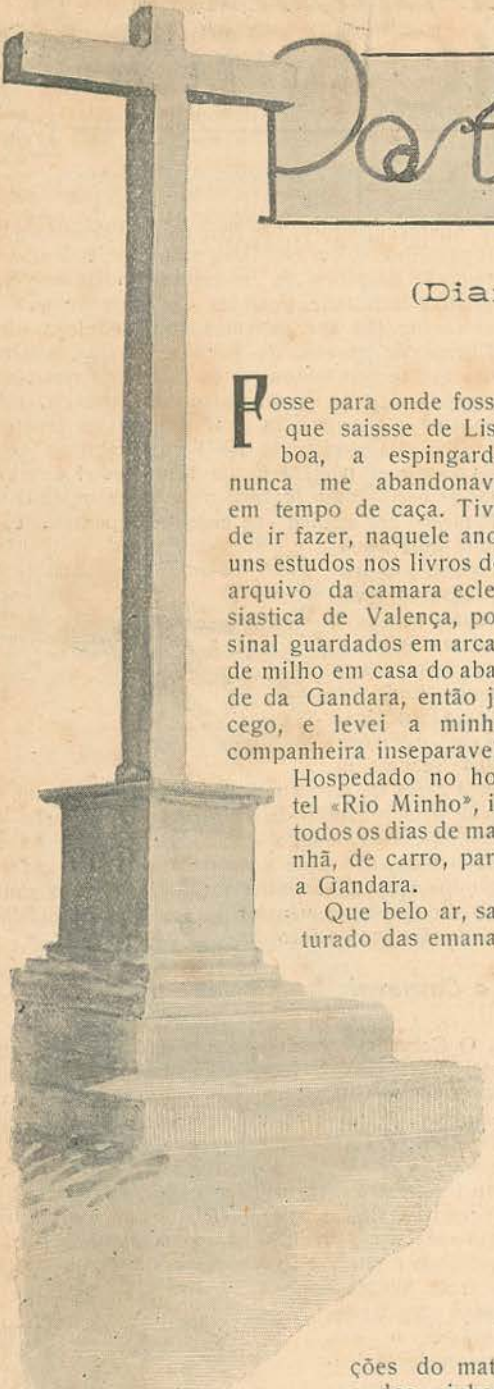
Já o Carnaval

O Carnaval aproxima-se com todas as suas graças; já Pierrots de flanelas sujas segredam convites a varias Colombineas em mau estado de conservação. A mascara vae aparecendo, a bisnaga desponha. Fabrica-se um penacho em todas as trapeiras, já o divertimento do espelho, tão galante e tão fino, nos persegue pelas ruas... Encontro por aí creaturas que se entreolham com terror e perguntam apavoradas como se hão-de isentar d'essa coisa hedionda e fétida que é o carnaval alfacinha. Não é facil. Andamos todos tão tristes durante o ano que se torna justa uma exuberancia passageira n'este povo amavel e bem educado, comedido até nas maiores folias. Para mim, é delicioso o entru-do. Tres magnificos dias de «farniente», no fuado d'um «fauteuil», entre um livro e um cigarro, applicando o velho proverbio do deitar cedo e cedo erguer... E' lastimavel que não haja, ao menos, um todos os mezes!



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



Part mortem

(Diario de um caçador)

Posse para onde fosse que saísse de Lisboa, a espingarda nunca me abandonava em tempo de caça. Tive de ir fazer, naquele ano, uns estudos nos livros do arquivo da camara ecclesiastica de Valença, por sinal guardados em arcas de milho em casa do abade da Gandara, então já cego, e levei a minha companheira inseparavel. Hospedado no hotel «Rio Minho», ia todos os dias de manhã, de carro, para a Gandara.

Que belo ar, saturado das emana-

ções do mato e dos pinheiros, se não respirava estrada acima! Sor-

via-o a grandes haustos, com a sofreguidão de quem sae de um carcere ou faz uma inspiração ansiosa de oxigenio antes de se meter noutro. Efétivamente, naquela casa não se respirava bem. Apenas mexia nos livros, que outro mortal não se arriscára até ali a manusear, evolava-se uma espessa e irritante poeira de ossuario. Parecia-me viver essas horas revolvendo esqueletos.

Naquela manhã de outono, rica de sol e de

efluvios da terra, não resisti á tentação de me escapar ao trabalho. A meio caminho, atravessou a estrada na direcção sul, mesmo por cima da *charrette*, um farto bando de rolas. Foi um instante emquanto mandei o cocheiro retroceder. Voltei ao hotel, peguei na espingarda e no cinto e dirigi-me para os pinhaes de Fontoura.

Já um ano eu fizera ali grande fachina, graças ao João Mota, um bom velhote, que como poucos sabia os melhores bebedouros das rolas e as moitas predilétas dos coelhos. Lembrei-me dos seus excellentes serviços, mas antes de o procurar fui visitar monsenhor Constantino de Barros, paroco de Foutoura e vigario geral de Valença. Era o modelo dos padres e dos portuguezes: inteligente, instruido, austero e ao mesmo tempo bom conselheiro e guia dos seus paroquianos, que ainda hoje o choram.

Atravessei o velho cemiterio, contiguo á igreja, cheio de lousas e de frondosas camelias, que mais pareciam uma homenagem florida á cruz enorme que se lhes alteava no meio, do que sombra amiga e carinhosa para os mortos. Depois de uns deliciosos minutos de cavaco, perguntei-lhe pelo Mota.

—Morreu, faz amanhã precisamente duas semanas.

—Morreu?!... exclamei surprehendido. Morreu de quê?

—Por ter casado segunda vez e com uma rapariga. Eu bem o aconselhei...

E monsenhor Barros cravou-me o seu olhar sereno e penetrante de fisionomista, a ver o efeito que tal afirmação produzia em mim.

Confesso que não foi pequeno. O Mota morrera por ter casado com uma rapariga... Não estava nisto o aguilhão da minha supreza; o que me surprehendia era ter casado outra vez aquele homem de 60 anos, quebrados como 70, calmo, ponderado, regular no seu trabalho e na sua vida como uma maquina, e que, da ultima vez que o víra, ainda chorava como uma creança a perda de uma companheira querida de 23 anos, mais nova do que ele uns dez, e que lhe norteara a velhice com uma mão tão meiga como leal.

—Mas o Mota era tão amigo da mulher e um santo homem, observei eu ainda confuso.

—E' verdade; mas lá diz o versículo do Genesis que «os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e...

—Então, a rapariga era bela?—atalhei eu, sem vontade de conhecer o resto do versículo.

—Bela como as que o são. Apareceu aí ha dois anos para servir, vinda de Orense, onde o Mota trabalhou muitos anos como serrador e d'onde regressou casado com a primeira

—Conheceu a primeira mulher do Mota? retomou ele a conversa.

—Perfeitamente.

—Pois, quando tivesse 25 anos, seria exactamente a segunda. Por ela, faça idéa d'esta. Ha irmãs que não se parecem tanto.

—Ou mãe e filha, acrescentei eu maliciosamente, confesso, antevendo já uma emaranhada urdidura de romance.

O abade de Fontoura encolheu os hombros,



mulher, que era de lá. Tinha 25 anos, e hoje 27; ao pé, parecia neta d'ele que aparentava mais anos do que tinha. Era exposta, segundo resava a certidão de batismo e a papelada que teve de correr depois para se casarem... Se era belo aquele pedaço de rapariga!... Poupe-me, meu amigo, a uma descrição que pouco se compadece com a gravidade das minhas vestes e ainda menos com a da minha idade, suspendeu monsenhor Barros, sublinhando a frase com uma graça infinita.

ergueu os olhos ao ceu e apertou muito os labios estendendo-os, como se tivesse receio de que lhe escapasse um monossilabo sequer que me aticasse ainda mais a imaginação. E depois contou-me:

—Decorridos uns quatro mezes sobre a chegada da rapariga aqui, já circulavam uns zuns-zuns de que ela transtornára a cabeça ao Mota. Por esse tempo eu mesmo o surpreendi uma tarde seguindo-a por aquele atalho além, ao fundo das terras, como quem vae in-

conscientemente atraído pelo poder fascinante de uma aparição. Perdi-os, em seguida, de vista por detraz do bastio. A' noite, mandei-o chamar e falei-lhe como um amigo. Fiz-lhe vêr o perigo do futuro e o ridículo espetáculo do presente. Com os olhos esgazeados e a voz estranhamente tremula, disse-me que a sua Joaquina resurgira n'aquela rapariga, linda e meiga, como Deus lh'a enviára ha 25 anos e lh'a roubara havia dois, sem piedade da sua velhice que estava á porta. Havia tambem de casar com ela.

Corrigi-lhe com severidade a blasfemia, advertindo-o de que ele se queixava de Deus lhe levar a mulher e, afinal, ele é que desprezava a sua honrada memoria para casar com outra; o que o tornava duplamente pecador. Não calcula, meu amigo, o fogo intenso que o tomou de subito e o que ele me arengou na sua linguagem desalinhada, mas clara e imponente de convicção. Em resumo: estava decidido, contra todas as advertencias e preconceitos, a casar outra vez, porque na segunda mulher não fazia mais do que continuar a amar a primeira, tão parecidas eram elas de corpo e de alma!

—E' singular, deveras singular! exclamei eu.

—E' verdade! Estranha fórma de sugestão! Creio que Empedocles e Heraclito, velhos mestres em assuntos de amor—não conheço os novos—nunca abordaram casos d'esta natureza. Convenci-me de que mais nada tinha a fazer e casei o Mota com a Micaela.

—Fez em março um ano, continuou o abade. Os tres primeiros mezes decorreram alegres e felizes. Foram uma verdadeira primavera como a que lhes sorria atravez das arvores e das flôres que lhes cercavam amavelmente a casinha. Mas depois o Mota entrou de entristecer, de andar cabisbaixo e de evitar as pessoas. Tambem me evitava a mim; talvez envergonhado e penitenciado de não ter seguido os meus conselhos. Deixou de trabalhar e raras vezes saía, a não ser para ir ouvir missa. E cada domingo—notava eu mesmo de longe—ele ia decaindo de uma maneira pavorosa. O amor era para ele ainda mais do que o *tirano dos velhos*, segundo o dizer conceituoso de Luiz XII: era o inferno que lhe torturava a alma. Devorava-o o ciume na sua fase mais selvagem, mais estupenda; roia-o ferozmente, acordado, dormindo, e até quando punha os olhos na imagem de Deus, que lhe podia levar o influxo calmante da sua misericórdia.

—Então Micaela não era, afinal, em tudo

a primeira mulher do Mota? Pobre velho nas mãos de uma rapariga de 25 anos!

—Não, senhor; engana-se. Ninguém tinha que lhe dizer; só a lastimavam. Se a visse hoje!... Parece uma velha. Tambem sofreu muito; reconhecia-se que sofria muito; e sofria com uma resignação que nunca vi naquella idade. O Mota chegava a abalar de noite, armado de espingarda, á procura do imaginario salteador da sua honra, ao primeiro ruído que sentia no exterior, fôsse o vento a bulir na folhagem, fôsse um barrote do telhado a estalar levemente com o caruncho ou a mudança de temperatura. Até o proprio filho, um bom rapaz de 20 anos, teve de se ausentar d'aqui, levado de uma dôr incomportavel, porque chegou a reconhecer—inaudita aberração humana!—que o pae tinha...

E mosenhor Barros não acabou a frase, de requeimante que ela era para os seus labios e de deprimente para a nossa pobre especie.

—Mas esse homem estava louco de todo, doido varrido e perigoso!

—Sem duvida. Mas que fazer? São dos taes casos que só a morte pôde liquidar. Fogem á alçada expurgante da justiça e aos colletes repressores dos manicômios. Liquidou-se ha 15 dias, depois de largos mezes de tormento. Deus se amerceie do pobre Mota!... Mandei-lhe abrir a cova ao lado da cova da primeira mulher. As duas loisas unem-se numa intenção piedosa e expressiva. Viveram ambos tão unidos, tão felizes!

—E Micaela?—perguntei eu ainda não satisfeito com este fecho do romance.

—Os primeiros oito dias não saiu de casa. Ao oitavo veio ouvir a missa de sufrágio que encomendára. E, de então para cá, todos os dias, á tardinha, quando batem trindades, vem renovar os goivos e malmequeres, que esparge sobre as duas campas e ajoelha em seguida a rezar... Olhe lá vem ela!

E, efetivamente, um vulto esguio de mulher, amortalhada de negro, aproximou-se lentamente das duas campas e ajoelhou. A' luz indecisa do poente que maior cunho de tristeza imprimia áquele cenario, não lhe pude observar as feições nem distinguir o que ela fazia. Nisto soaram, compassadas e solenes, as badaladas das *Avé-Marias*. O abade de Fontoura e eu descobrimo-nos e, num indizível recolhimento espiritual, quedámo-nos muito tempo voltados para aquele quadro pungente de dôr. Nenhum de nós tinha os olhos enxutos.

FLOREANO.



AINDA A CELEBRAÇÃO DO 31 DE JANEIRO



7
Como dissemos já, decorreram brilhantíssimas as festas aniversarias do 31 de janeiro, no Porto onde o chefe do Estado, o presidente do ministerio e o ministro do fomento receberam as mais calorosas manifestações por parte de todas as classes sociaes.

A chegada do sr. presidente da Republica a Lisboa foi entusiastica, achando-se na *gare* da estação do Rocio muitos funcionarios do Estado para cumprimentar o seu chefe supremo. Cá fóra, no largo de Camões, a alluencia do povo era enorme, a qual vitoriou o sr. dr. Bernardino Machado.



3
No Porto: —1. A Camara Municipal, ornamentada no dia 31 de Janeiro.—2. As forças de marinha na praça da Liberdade, no dia 30 de janeiro, aguardando a chegada do sr. presidente da Republica.—3. O sr. presidente da Republica, e os srs. dr. Afonso Costa, Correia Barrêto, presidente do Senado, coronel Manuel Maria Coelho, tenente-coronel Malheiro e Antonio Maria da Silva, ministro do fomento, junto do tumulto dos heroes do 31 de janeiro no cemiterio do Repouso.—(Cluché Garcez).



Em Lisboa.—O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, saindo da estação do Rocio onde foi muito aclamado.



O chefe do Estado seguindo pela Avenida da Liberdade a caminho do palacio (Clichés Benoiel).

A exposição Higinio de Mendonça

No salão da *Ilustração Portuguesa* está aberta uma nova exposição de pintura, interessante a todos os respeito, princi-

palmente por nos trazer a revelação de um grande talento artístico, que as lutas do jornalismo e o culto apaixonado da literatura, como romancista e dramaturgo, por tanto tempo nem sequer deixaram entrever.

A não ser algum intimo, ninguém mais terá conhecido a Higinio de Mendonça uma decidida vocação para o desenho e para a pintura. Lançado na vida jornalística pelo *Jornal do Comercio*, então dirigido por Antonio de Serpa Pimentel, passando mais tarde d'aquelle jornal para a *Gazeta de Portugal*, de que foi proprietario e que se fundiu com a *Tarde*, sobre cujos alicerces se fundaram as *Noticias de Lisboa*, reaparecendo as *Novidades*, depois da proclamação da republica, sob a sua direção, ninguém diria



O sr. Higinio de Mendonça

«As manas Albergarias», «Amor de Mãe», «A avósinha» e outras, nos havia ainda de aparecer sob o aspeto de um excelente pintor. E' verdade que Higinio de Mendonça já concorreu a exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes com trabalhos a oleo e a pastel, que lhe valeram duas menções honrosas; mas ao seu nome de jornalista e de dramaturgo não se ligou certamente o do pintor. Continuou a ser conhecido no mundo das letras, mas passou despercebido no mundo da arte. Fatigado e desgostoso do jornalismo, com a suspensão das *Novidades*, dedicou-se febrilmente á pintura; procurou n'ela o esquecimento dos seus dissabores e n'ela elevou de tal fôrma o seu espirito que todos os seus quadros traduzem, além de um verdadeiro temperamento artistico, a concepção das belezas naturaes na sua fôrma mais pura. Higi-



Chalet de Luiza Margarida de Sousa



Pronto a virar

que esse critico d'arte, vivo e energico, esse polemista distinto e não poucas vezes temido, era no fundo um grande artista. Ninguem diria tão pouco que o cintilante autor do romance «Lucilia», que teve duas edições, e das aplaudidas peças teatraes «Pena Ultima»,

no de Mendonça não é um pintor saído da academia; formou-o o talento, a observação escrupulosa e sentida da natureza e o estudo dos grandes mestres nos museus. Os seus 46 quadros a oleo e um a pastel, expostos no salão da *Ilustração Portuguesa*, teem

desenho, teem côres, teem detalhes, teem, em suma, uma tal verdade nos aspetos deliciosos da terra e da agua, que não acreditamos que esse homem não passasse toda a vida a desenhar e a pintar, não tenha sido exclusivamente um artista, em vez de seguir a carreira de marinha, sendo hoje capitão



sua filha a sr.^a D. Henriqueta de Mendonça Bettencourt Cardoso, discipula do insigne pintor sr. Antonio Felix da Costa.

A distinta amadora ainda ha pouco tempo se consagra á pintura; mas o seu desenho é já tão firme e rigoroso, o seu colorido tão rico e bem graduado que al-



A nau dos Corvos (Cabo Carvoeiro)

de mar e guerra, e de conquistar no jornalismo e nas letras o lugar de primasia que todos nós lhe reconhecemos.

Com Higino de Mendonça expõe também 5 quadros, que revelam muito talento e estudo,

guns d'esses quadros parecem de uma artista consummada. Em suma, a exposição *Higino de Mendonça* representa um verdadeiro acontecimento pelos dois formosos talentos artisticos que tão inesperadamente nos revela e pelo cunho da extremada distinção que respira.



«Rio do Avenal»



«Rio de Louza», poente

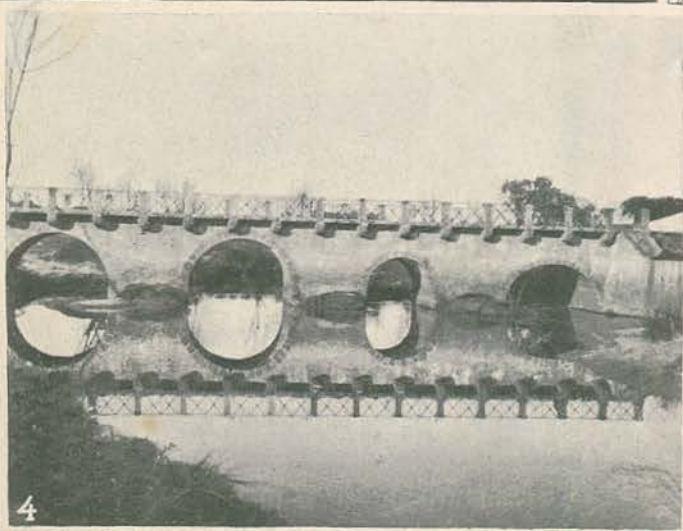
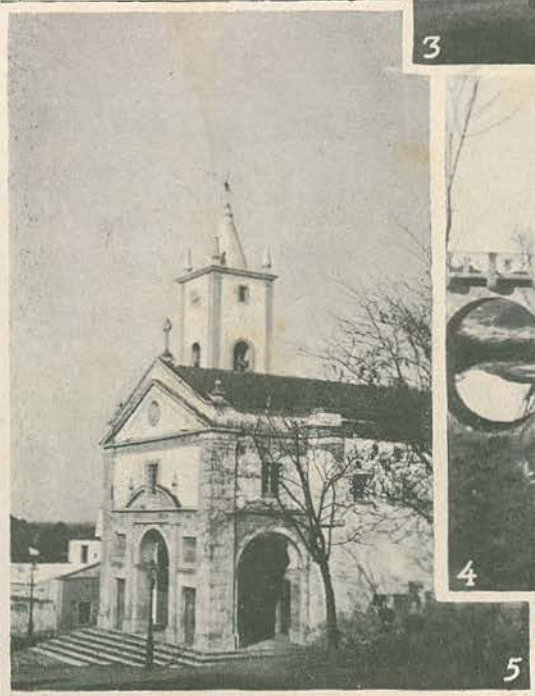
BELEZAS

ALEMTEJANAS



O sr. dr. Mario Gama Freire, distinto fotografo-amador.

O sr. dr. Mario Gama Freire, é um grande admirador das belezas alemtejanas. Amador muito distinto da fotografia, não perde ocasião de tirar aspetos que mais lhe agradem da rica provincia que tanto o entusiasma. Os «clichés» que aqui inserimos são preciosos pela observação de perspectiva e pelos efeitos de luz. Os aspetos do Sado e da pitoresca ribeira do Dejebe são na verdade encantadores, não admirando por isso, que o distinto fotografo-amador os tenha reproduzido justamente nos seus pon-



2. O Xarrama ao luar
3. Um aspeto do rio Sado ao luar
4. Uma ponte sobre o Dejebe

5. A igreja de S. Mamede

tos mais dignos de serem apreciados pelos admiradores do Portugal pitoresco.

O Velho Mundo

em guerra



Os soberanos do Montenegro em Lyon.—A rainha Milena saindo para o seu passeio quotidiano acompanhada de um oficial da corte

A França, sempre nobremente hospitaleira e de uma exemplar lealdade para com todos os povos que ao lado d'ela combatem a ambição selvagem da Alemanha, recebeu de braços abertos e com todas as honras que lhe eram devidas, o rei Nicolau do Montenegro, que a sorte da guerra forçou a deixar o seu paiz.

A comoção do infeliz soberano ao pisar o solo francez foi indescritivel perante tão fraternal acolhimento. Este facto tambem estendeu a sua influencia moral ao resto dos seus exercitos que, dissimindos por um lado e outro, depois de uma ingrata luta, se vão refazendo e reunindo.

Dentro em pouco o Montenegro disporá outra vez de numerosas e valentes tropas que, coadjuvadas pelos aliados, hão de expulsar vergonhosamente os invasores, que se supõem já em paiz conquistado.



A chegada a Lyon do rei Nicolau, do Montenegro.—O rei saindo da gare, acompanhado pelo perfeito de Rhone entre filas de territoriaes que lhe prestam honras militares.—(Clichés Branger).



Em Lyon.—O príncipe Danilo, herdeiro do Montenegro, a princesa Militza, sua mulher, à esquerda o sr. Burnet, vice consul do Montenegro e à direita o sr. Burnet, encarregado dos negócios do Montenegro em Paris, na visita à vila de Vernay, onde os soberanos montenegrinos residem.



Em Lyon.—A vila de Vernay, onde residirão os soberanos do Montenegro durante o seu exílio
(Clichés Branger).

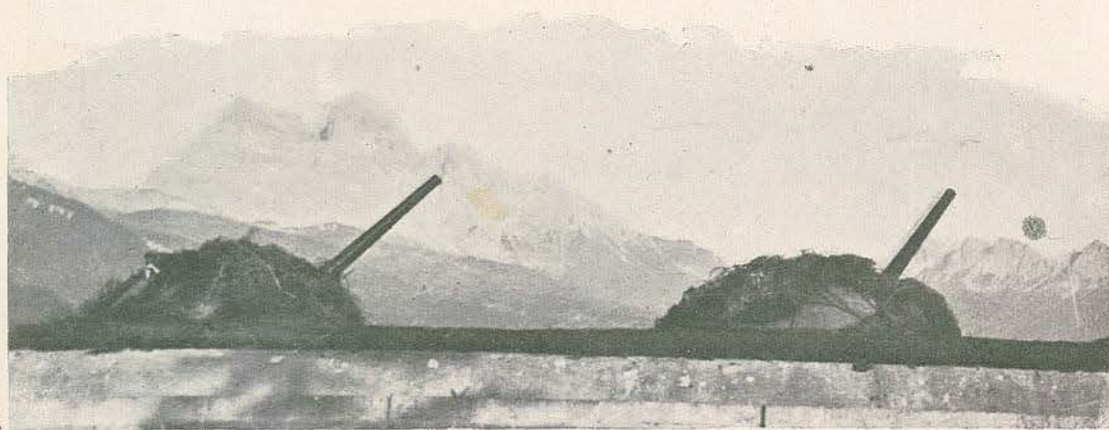


O general Castelnau em Salonica.—Acompanhado dos seus officiaes, o general chega á crista de um monte



2. O general e o seu estado maior atravessando planicies e montes na Macedonia, ao norte de Salonica

3. O general observando os campos



Um forte italiano nos Alpes Carniques—(Cliché Excelsior)



Visitando os hospitaes de feridos

Noticiaram os jornaes que a ex-rainha de Portugal e seu filho haviam visitado os hospitaes de sangue em França. Na fotografia que hoje reprodu-

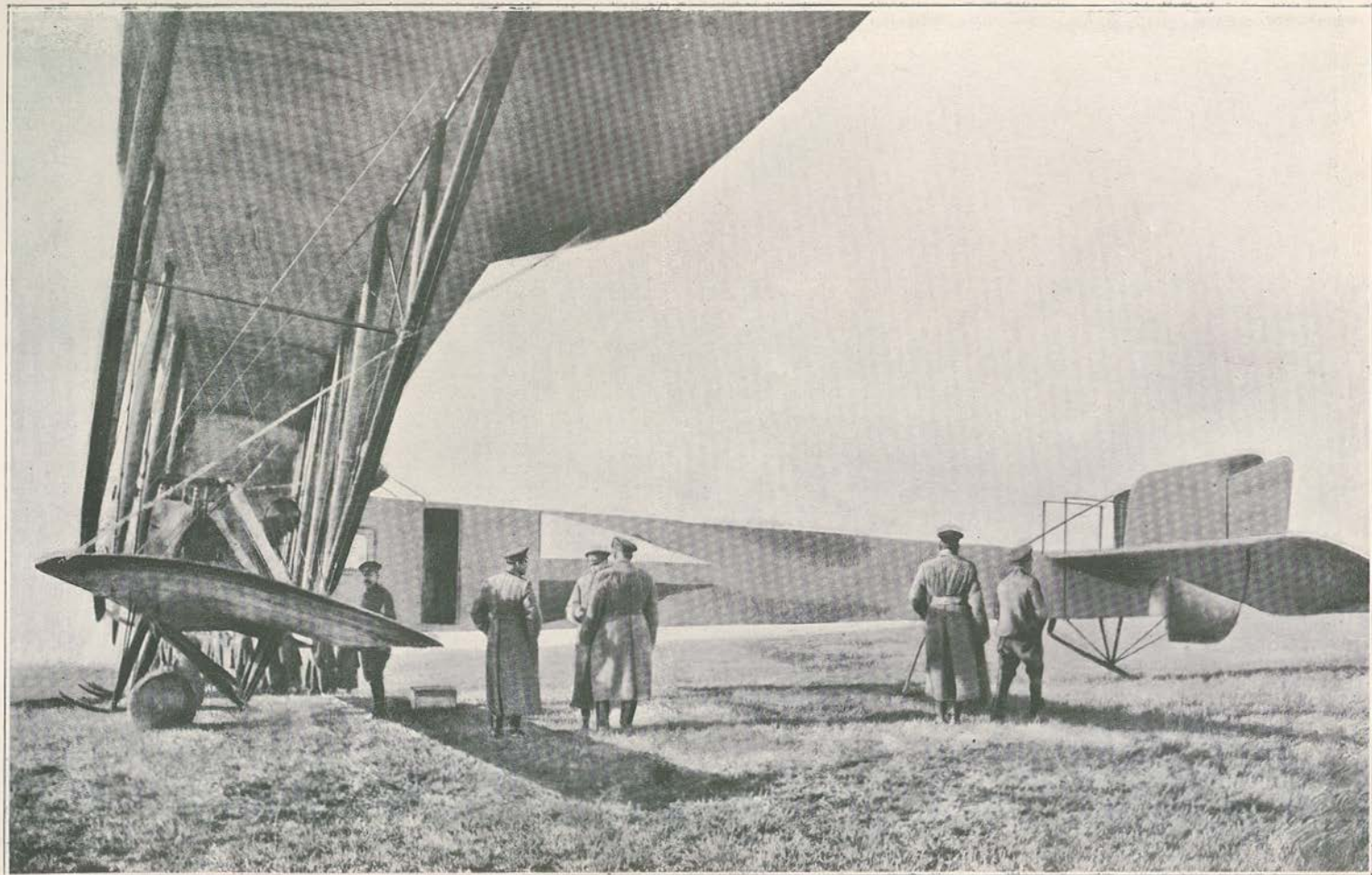
zimos vemos a sr.^a D. Amelia, acompanhada de madame Iswolsky, esposa do embaixador da Russia em Paris, á saída do hospital russo n'aquela cidade.

N'um hospital militar auxiliar



Uma atriz franceza lendo versos a um heroe que cegou nos campos de batalha

(Rapido croquis d'après nature do nosso correspondente especial sr. Ferreira da Costa).



Um avião gigante russo, do tipo *Ilya Mouromtze*



A infantaria franceza regressando ao seu acampamento depois de uma brilhante vitória ganha sobre os alemães

(Desenho de Paul Thiriat)



Os prisioneiros bulgaros são enviados para uma ilha do Mediterraneo
(Cliché Excelsior).



Em Salonica.—As primeiras vítimas dos aeroplanos alemães, em 30 de dezembro de 1915: dois carneiros e um pastor grego, que mulheres da vizinhança rojeiam, chorando. Este ato de hostilidades motivou a prisão dos consules dos países inimigos no mesmo dia e um ataque aos seus consulados



Na Alsacia : — No cemitério de Moosch, antes da inumação do general Serrett, ferido em terras da Alsacia, o feretro, coberto com um pano tricolor, é guardado, durante o desfile dos assistentes, por jovens alsacianas.



O imperador da Russia e seu filho o principe herdeiro Nicola Nicolaievitch, no quartel general em Petrogrado.

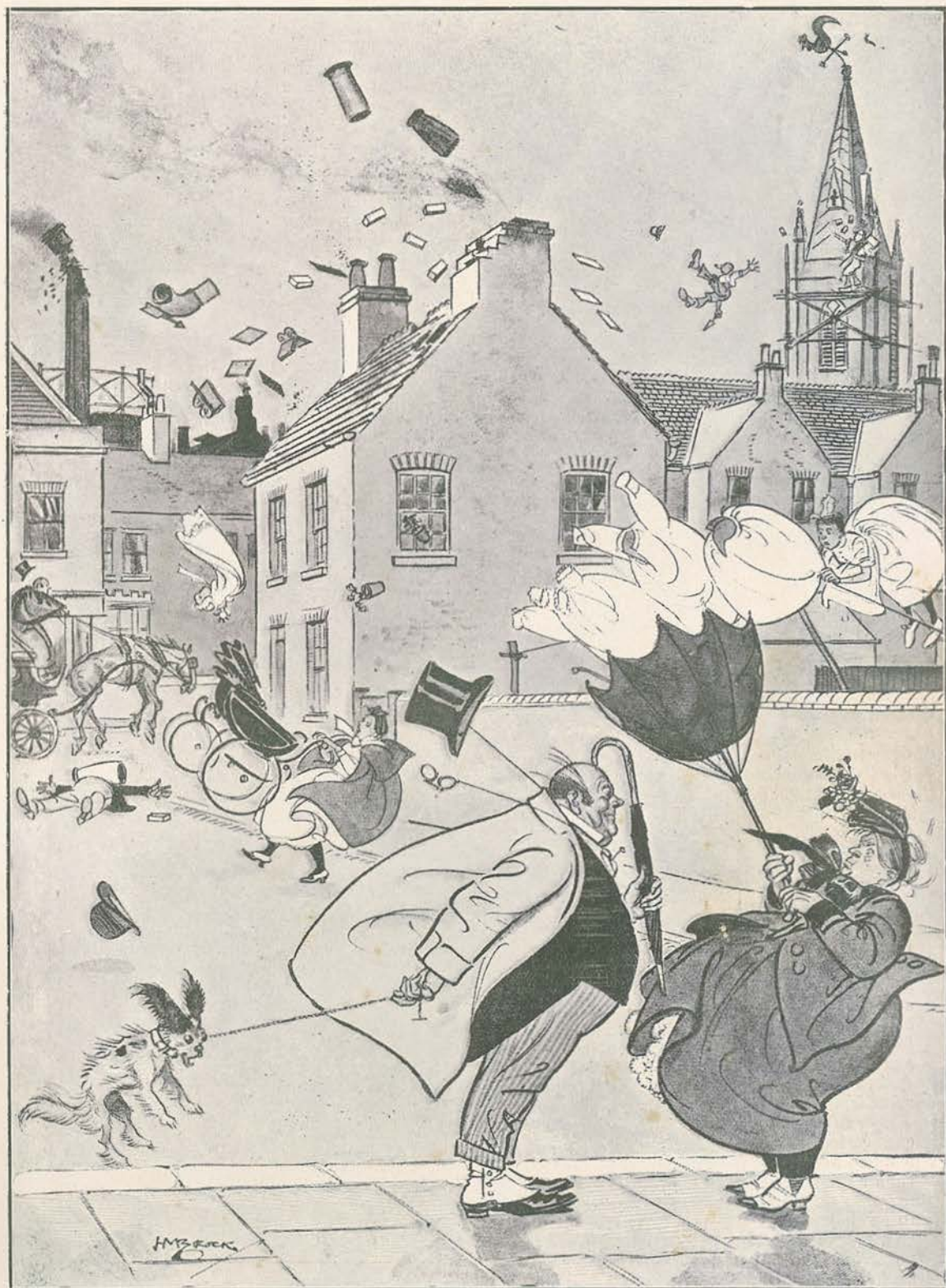


Guilherme II na frente do Strypa, na Galicia, em principios de janeiro ultimo



O general Gouraud, inspecionando as linhas de combate

COM O QUE ELE SE CONTENTA



Ela : — Que horror de tempo, parece que vamos pelos ares !

Ele : — Um tempo magnifico, mulher. Assim estamos livres dos Zeppelins.

(The Bystander).

EXPOSIÇÃO: = SOUSA PINTO =

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a exposição do distinto pintor sr. Sousa Pinto, artista consagrado não só no paiz como no estrangeiro, onde tem recebido os mais gloriosos elogios e honrosas recompensas pelos seus brilhantissimos trabalhos. A concorrência ao palacio de Belas Artes tem sido desusada. Artistas e amadores da sublime arte teem ali acorrido, extasiando-se com tanta obra prima.



O distinto pintor sr.
Sousa Pinto



«L'arrosage»

Efetivamente o sr. Sousa Pinto afirma-se cada vez mais o extraordinario pintor que todos conhecemos, sendo prodigiosa de encanto a obra que expoz, a qual abrange todos os generos, desde o retrato á paisagem, dos estudos a pastel aos trabalhos a oleo, não sendo possivel distinguir este d'aquelle, tão belos são todos eles.

O illustre pintor Sousa Pinto, uma das mais gloriosas individualidades artisticas portuguezas, é condecorado com a Legião de Honra, concedida quando expoz no «Salon», de Paris, os seus admiraveis trabalhos.

A exposição, que é individual, tem tido um successo que nenhuma outra do seu genero até hoje alcançou, pois que logo nos primeiros dias a venda de quadros ascendeu a importante cifra de dez contos de réis.



«La culotte déchiré»



A pesca

A caminho do trabalho



Meditação



Um trecho dos campos de Santarem por ocasião da ultima cheia

(Cliché Garcez)

Opera em Lisboa



Se não fosse a inteligente e corajosa iniciativa, diremos mesmo patriótica, do illustre empresário e director do Coliseu dos Recreios, sr. Antonio Santos, o grande publico de Lisboa nunca lograria o prazer espirital de ouvir opera. S. Carlos era o teatro dos privilegiados—dos ricos e dos aristocratas, estando cativos todos os logares. Estrangeiro ou provinciano, que passasse por Lisboa, ia-se sem ouvir uma só palavra dos grandes mestres, por mais dinheiro que estivesse disposto a gastar.

Veu o Coliseu com a opera, acessivel a todas as posses. Os frequentadores de S. Carlos olharam-na com reservas; mas as classes medias e populares encarreiraram logo para aquella vasta, higienica e desafogada casa de espectaculos, acabando por preferir os encantos beneficos do teatro lirico, como todo o povo que se preza, ás cenas dissolventes e irritantes de

ticular valor. Interessante e consolação o gosto, o criterio, o entusiasmo com que esses milhares de pessoas que enchem as bancadas da geral, não falando da plateia e dos camarotes, seguem a musica e o canto, ora suspendendo a respiração, ora aplaudindo freneticamente. É uma das melhores provas de cultura que nos pode dar uma sociedade.

E o caso é que esta excelente atmosfera que se creou no Coliseu e o facto de, nos ultimos anos, virem cantar algumas das maiores notabilidades liricas do mundo tem atraído ali de tal forma os velhos habitués de S. Carlos, que eles chegam a esquecer-se de que continua fechado o seu velho teatro. O ano passado tiveram o notavel tenor Vinas, a insigne prima-dona Barclée e o celebre maestro Sans-Saens; este ano, a prima-dona Kruceniski, de nome universal, e agora o notavel baritono Mattia Battistini, bem como a genit Galvany, falando-se já em que ouviremos tambem Tita Rufo!

Tudo isto não representa apenas a superior e inconfundivel orientação, com que o sr. Antonio Santos dirige o seu teatro, representa tambem



1. O sr. Antonio Santos, illustre empresário do Coliseu dos Recreios.—2. O baritono Mattia Battistini.—3. O soprano dramatico Mariana Lopez.—4. O soprano Carmen Toschi.—5. O soprano Isabelle Orbellini.—6. O tenor Marescotti.—7. O tenor Eurico Arenzen.—8. O soprano ligeiro Gina de Martini.—9. O baritono Mimo Zuffo

alguns teatros de declamação. Por isso a acção larga e firme do sr. Antonio Santos no nosso meio teatral tem quanto a nós um cunho educativo que lhe imprime par-

serios encargos, mais pelo brio de manter a Opera em Lisboa a uma certa altura do que pela mira em compensações de outra ordem.



INSCRIÇÃO

*De noite, á luz gentia do luar,
A' beira d'uma fonte cristalina,
Que entre musgos e avencas, a cantar,
Murmura e corre, junto da colina,
Foi sentar-se uma vez, a descansar,
A Ventura radiosa e peregrina.*

*Da fonte ouvindo o tépido murmúrio,
D'um vago sôngo presa ou embalada,
Quiz dizer-nos onde era o seu tugúrio
Ou palácio. E inscreveu sua morada
Na rocha sobre a qual a agua corria :
Mas a corrente os traços foi gastando...*

.....
*E assim a nossa Vida vae passando,
Sem achar da Ventura a moradia...*

MOTA CABRAL

(Do livro *Poentes e Auroras*
a sair brevemente).

FIGURAS E FACTOS

Um casamento elegante.—Já a *Ilustração Portuguesa* registou nas suas paginas o casamento da sr.^a D. Belmira Elisa Estevinho Castanheira de Moura, filha da sr.^a D. Carolina Carmen Estevinho Castanheira de Moura e do grande comerciante sr. João Castanheira de Moura, e sobrinha do opulento capitalista e importante industrial sr. Antonio Castanheira de Moura, com o sr. dr. João Pinto de Figueiredo, ilustre



advogado e escritor. A cerimonia religiosa, celebrada na igreja da Encarnação com tão numerosa como distinta assistencia, revestiu brilho e pompa excepcionaes, tendo havido á noite no Hotel de Inglaterra um banquete, oferecido pelo pae da gentilissima noiva e a que assistiram 67 convidados.

Hoje presta a *Ilustração* ao seu apreciado colaborador sr. dr. J. P. de Figueiredo a homenagem da sua simpatia com sinceros votos pelas felicidades do seu lar.

O sr. dr. João Pinto de Figueiredo

A sr.^a D. Belmira Elisa Estevinho Castanheira de Moura



O sr. Raul Brandão

A *Renasença Portuguesa*, do Porto, editou um bellissimo livro historico. E' o cerco d'aquella cidade, contado pelo coronel Owen, sua testemunha. O livro tem grande valor, é certo, como documentação historica; mas tem a valorisal-o ainda mais o prefacio e notas

que o acompanham, do illustre escritor sr. Raul Brandão.

O nosso amigo dr. Souza Costa deu á publicidade mais um livro que, como os anteriores, é de grande valor. E' uma novela naturista, que intitulo *Regresso á Felicidade*, na qual a Natureza tem primorosas descrições e se antevê que a Humanidade retrocederá á sua primitiva, vivendo empoleirada nas arvores e alimentando-se de frutos apenas.



O sr. dr. Souza Costa



5. Foi uma festa notavel a leitura do poema *Chave Dourada* feita pelo autor, o illustre poeta dr. Manuel da Silva Gaio, no atelier do eminente escultor Teixeira Lopes, na tarde de 16 de Janeiro ultimo.—6. Promotores de uma festa a bordo do paquete *Avon*, da Mala Real Inglesa, para comemorar o aniversario da Republica dos E. U. do Brazil em 15 de novembro de 1915 em viagem da Madeira para S. Vicente: D. Nair Dias Cardoso, D. Maria Dias Cardoso, D. Alzira Dias Cardoso, D. Nairinha Souza Cardoso, D. Debora Wanderley, D. Ana Cabral, Luiz Cabral, D. Antonia Cabral, Guilherme Dias Cardoso, D. Helena Cardoso Terezinho, Felix de Souza, Antonio Oliveira Dutra, Euclides Mendes, Antero d'Azevedo, Roberto de Araujo Wanderley, Mario Cardoso Terezinho, D. Izabel Cabral, D. Eulalia d'Azevedo e José Roberto da Silva.

Uma recita de estudantes. — A favor do Cofre de Socorros a Estudantes Pobres, realizou-se no teatro Politeama uma recita promovida pelos alunos da Faculdade de Ciências, á qual assistiram o sr. presidente da Republica e o sr. ministro da instrução.

O espectáculo constou da peça *Pensão da Briolanda*, já representada no ano passado, e da revista intitulada



1. O sr. Jaime Leal—2. O sr. José Formosinho—3. O sr. Carvalho Oliveira
4. O sr. Garrido Couto — 5. O sr. Henrique Galvão — 6. O sr. Prata Dias
7. O sr. Flavio dos Santos—8. O sr. Nuno Vieira, autores e interpretes

da *Macaquinhos no sótão*, ambas originaes dos srs. Flavio dos Santos e Henrique Galvão, tendo a ultima musica do sr. Hermínio do Nascimento.

A recita correu animadissima, sendo os interpretes das duas peças e os seus autores calorosamente ovacionados, tendo-se destacado no desempenho os srs. Carlos do Nascimento e Oliveira. O teatro tinha uma enchente.

Liceu Central de

A educação fisica no Liceu Central de Ponta Delgada, S. Miguel, Açores, tem tomado um grande incremento, devido ao criterioso metodo e esforços do seu professor, sr. João Maria Sequeira, que tem sido incansavel n'este ramo de



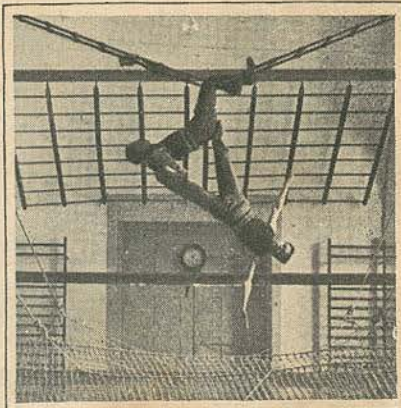
O sr. João Maria Sequeira, professor de ginastica do Liceu Central de Ponta Delgada

Ponta Delgada

ensino. O desenvolvimento da ginastica em S. Miguel deve-se a ele exclusivamente, pois já ha 33 anos que exerce ali o logar de professor com uma distincção que muito o honra. As fotografias que inserimos representam varios exercicios



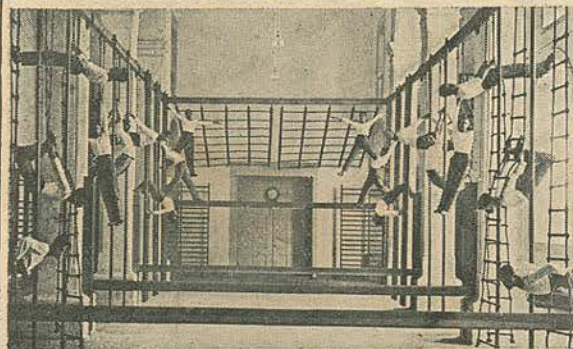
Plancha de frente



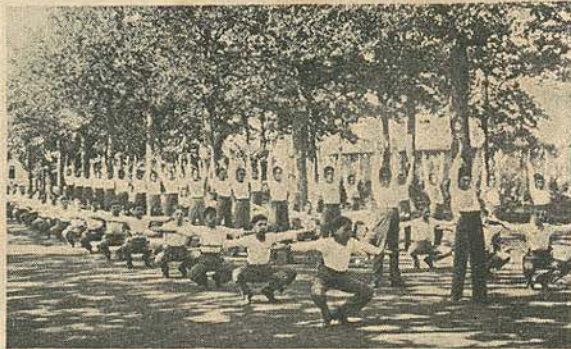
Suspensão pelos pés

de ginastica sueca livre e aplicada, feitas ao ar livre e no ginasio do liceu por ocasião das festas promovidas pela 7.ª classe de Ciências a favor do gabinete de quimica do mesmo liceu.

Todos os alunos foram muito ovacionados nos seus exercicios

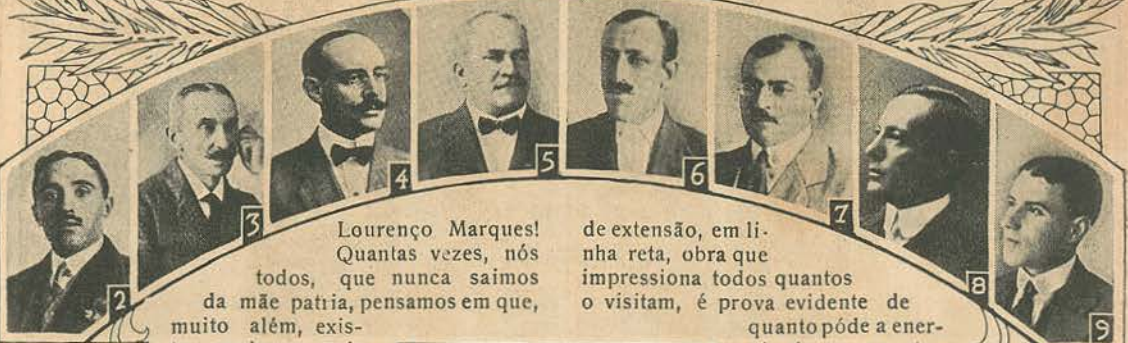


Varias suspensões nas escadas de corda



Exercicios dos membros superiores e inferiores
(Clichés do sr. M. J. Matos)

O PORTO DE LOURENÇO MARQUES



Lourenço Marques!
Quantas vezes, nós
todos, que nunca saímos
da mãe pátria, pensamos em que,

de extensão, em li-
nha reta, obra que
impressiona todos quantos
o visitam, é prova evidente de

quanto pôde a en-
ergia do povo portu-
guez. Obra essen-
cialmente portu-
guez, construída
por portugueses,
engenheiros, mes-
tres e operarios, é
documento do tra-
balho que, apesar
de tudo quanto se
disser, o portuguez
produz nas colô-
nias onde tem mais
larga iniciativa.



O sr. Carlos Sá Carneiro, diretor do
porto e caminho de ferro de Louren-
ço Marques

Faz bem vêr esta
obra tão apreciada
pelos estrangeiros
profissionais ou
não, que da União
vem vêr o nosso trabalho; e que não
se cançam de elogiar, como ultima-
mente o fizeram, na visita do Con-
selho de Administração dos Cami-

O porto de Lou-
renço Marques é
um dos mais belos
e, sem duvida, o
melhor da Africa
do Sul, porto natural e não artificial
como o seu competidor Durban,
com a sua ponte-caes de cimento
armado com cêrca de 1.600 metros

vem vêr o nosso trabalho; e que não
se cançam de elogiar, como ultima-
mente o fizeram, na visita do Con-
selho de Administração dos Cami-



2. O sr. Eduardo Carvalhal, engenheiro chefe de via e obras—3. O sr. Vieira da Silva, chefe da secretaria—4. O sr. Oliveira Cabral, chefe de tração e oficinas—5. O sr. Teodoro de Macedo, engenheiro inspetor das obras publicas da provincia—6. O sr. Ribeiro engenheiro sub-diretor—7. O sr. Duarte Veiga, engenheiro chefe das obras do porto—8. O sr. Giuseppe Poray, engenheiro electricista chefe—9. O sr. Vaz Gomes, engenheiro electricista adjunto—10. O sr. Anibal Valente, chefe da contabilidade—11. O sr. Tumaz Correia, chefe da fiscalisação e estatística—12. O sr. Campos Vieira, chefe dos armazens geraes—13. O sr. Eduar to Belo, chefe do movimento—14. O sr. Correia Mendes, chefe de tarifas—15. O sr. Leite Spencer, chefe do caes—16. A ponte-caes de Lourenço Marques



Entrada da «gare» da estação do caminho de ferro de Lourenço Marques

Ponte do caminho de ferro de Lourenço Marques na linha de Swazilândia, sobre o rio Umbeluzi

nhos de Ferro da União e do seu Diretor Geral, a quem ouvimos esta frase dizer: «V. fazem melhor que nós». (You work better than us).

Uma linha de navios acostados ae caes, os guindastes electricos despejando-os da s'ra carga, o vae-vem constante de uma multidão de carregadores indigenas, comboios passando na ponte, a carvoeira despejando vagons cheios de carvão diretamente para os navios, e ao longe a silhueta do gigantesco guindaste de 60 toneladas e o magestoso edificio da estação de Lourenço Marques Central.

Tudo isto, n'um golpe de vista, observa quem na tolda do navio que suavemente deslisa para acostar, espera o desembarque. E esta sensação colhida de relance, dispõe logo bem a favor d'esta terra, d'esta ci-



A nova instalação carvoeira permitindo carregar 500 toneladas por hora (os vagons são levantados virados e vasados dentro dos porões do navio acostado)

dade encantadora, destinada a ser das primeiras da Africa do Sul, se não fôr a guerra aberta que lhe fazem os portos competidores, sempre prontos por mil subterfugios e á custa de grandes sacrificios pecuniarios, a desviar o trafego que naturalmente não tinha outra via a seguir que não fosse o porto de Lourenço Marques.

Mas apesar de tudo, não conseguem o seu desideratum porque conforme disse um funcionario da União «o Incomati corre para lá» e a União não pôde fazel-o correr para o Transvaal...». Grande verdade! Quanto pôde a politica comercial da Africa do Sul que nos obriga a tarifas irrationaes, como a de transportar uma tonelada de mercadoria de Lisboa para o Entroncamento pelo mesmo preço do que Bar-



A nova estação do caminho de ferro de Lourenço Marques. Edificio da Administração, acabado de concluir



Ponte-caes de Lourenço Marques. Início da construção do prolongamento para Juzante



O diretor do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques no seu gabinete no novo edifício da administração

celona a transporta, pelo caminho de ferro, para Lisboa!

O caminho de ferro de Lourenço Marques com os seus duzentos e cinquenta quilómetros de exploração, dispõe de poderosas máquinas e dos melhores wagons de ferro de capacidade não igualada nos nossos caminhos de ferro da metropole, e das melhores carruagens de corredor lateral, com pequenos salões, casa de banho e cama.

Os wagons-restaurantes, tão bons como os do «Sud-Express», andam nos comboios correios. Quem pensar que estamos atrasados pôde tirar d'ahi a sua idéa. O progresso chegou aqui primeiro que ao continente! E, como o dinheiro em Africa nada vale gasta-se ás mãos

cheias para obter as comodidades indispensaveis para quem vive n'estas regiões, onde a vida se esgota rapidamente, mercê do clima e da febre de trabalho que a todos atormenta!

E o portuguez preguiçoso, em Lisboa, torna-se em Africa ativo e empreendedor! Sente-se a luta pela vida em todos os recantos de Lourenço Marques. Terra de trabalho produtivo! Como satisfaz vêr que somos capazes de trabalhar!



Gare da estação do caminho de ferro de Lourenço Marques



As harpistas D. Zilda Rebelo, D. Ceíllia Borba Costa, D. Maria de Lourdes Botelho, D. Lídia Cutileiro, D. Maria H. Gomes da Costa e D. Cremilda Cutileiro e a respetiva professora madame Vercryusse de Sá.—(«Cliché» Vasques).

Concerto de harpas no Conservatorio de Lisboa.—Foi sensacional o concerto de harpas realizado no Conservatorio de Lisboa por alunas da eximia professora madame Vercryusse de Sá, que deram ao *Idílio Capriccio*,

de Sanfiorenzo, e *Marche Solennelle*, de Gounod, uma brilhante execução, pelo que receberam extraordinarias ovações da numerosa e seleta assistência.